

5 - 4 - 66

Passarinho e Brossard elevam tradições do Senado

VICENTE LIMONGI NETTO

José Sarney e Marcos Freire na semana retrasada. Jarbas Passarinho e Paulo Brossard no último dia 31. Quatro discursos de expressivos políticos, que em tudo que fazem engrandecem e honram as tradições do Senado Federal.

Preocupados com o desenvolvimento sócio-econômico-cultural do Brasil, discordam bastante entre si, cometem erros — exatamente porque não se omitem — não abrem mão de suas convicções, pontos-de-vista, vigor e participação democrática.

E o mais saudável: tudo colocado e discutido em alto nível, com sensatez, com elegância, com espírito público, todos desejosos de caminhos e decisões que sirvam para colaborar com as instituições políticas. Sem prejudicar o ritmo da distensão, lenta mas gradual, que o chefe da Nação tem reiterado ao país que não estancou. E embora pouco se tenha trilhado nesta clareira, ainda existe entre os observadores políticos uma mecha de esperança, pois como já disse Teotônio Vilela, nunca é demais sonhar.

Paulo Brossard caminhando pelo plenário, conversando, saudando e cumprimentado, é sinal de bom discurso por vir. O parlamentar gaúcho pulverizou sua própria façanha, quando estreou, da tribuna, como senador. Ante um plenário repleto como nunca se tinha visto, com alguns senadores inclusive sentados em cadeiras comuns, deputados, presidente nacional e líder do MDB na Câmara, suplente de deputado, como Aureo Melo, galerias tomadas por populares e turistas, bancada de imprensa com "penetras" sentados e repórteres de pé, câmaras de tevê, fotógrafos, diretor-geral da Casa, todos queriam ouvir o que Brossard e Passarinho tinham a dizer no dia do 12.º aniversário do movimento de 1964.

Não decepcionaram. Os dois mostraram o que venho prevendo em artigos na TRIBUNA, desde o início da atual legislatura: a evidência, mais uma vez da riqueza da coragem e da

personalidade do Senado, ao tratar de temas que afligem o País.

Foram dois excelentes discursos, de polemistas que se respeitam mutuamente. Os debates só não tiveram conta completamente da longa sessão porque o senador José Esteves, também inscrito para falar, propôs à Mesa um oportuno projeto, do mais alto interesse público: Esteves quer que os botijões de gás sejam adaptados com medidores do peso do produto, evitando, assim, que o consumidor continue sendo ludibriado.

Tanto Passarinho como Brossard foram constantemente aparteados, sobretudo por Itamar Franco, José Sarney, Daniel Krieger, Marcos Freire, Vasconcelos Torres, Petrônio Portela, José Esteves e Franco Montoro. Os oradores e aparteantes foram unâmes em exaltar as participações decisivas do então governador Magalhães Pinto, e do Congresso Nacional, em episódios que culminaram com a queda de João Goulart.

Quanto a Jarbas Passarinho, homem público de caráter, dado ao diálogo, declarou que os 12 anos da Revolução representa uma opção penosa, dramática, mas imperativa: a intervenção das Forças Armadas para depor o governo, que se caracterizava pela incompetência no campo administrativo, e pela dubiedade no campo ideológico.

Passarinho, que carregava um fichário, garantiu que a Revolução não pretende atrasar a sua própria institucionalização, observando que será ótimo se ela puder ser institucionalizada o mais rápido possível, e em graus cada vez mais amplos.